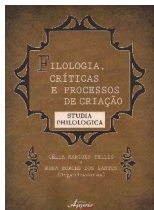


**APRESENTAÇÃO DE *STUDIA PHILOLOGICA*  
FILOLOGIA, CRÍTICAS E PROCESSOS DE CRIAÇÃO**



**TELLES, Célia Marques; BORGES, Rosa (Orgs.).** *Filologia, críticas e processos de criação.* Curitiba: Appris, 2012. 372 p. ilustr. [ISBN: 978-85-8192-050-4]

[www.editoraappris.com.br](http://www.editoraappris.com.br) – (41) 3053-5452

Mais detalhes? Clique na imagem ao lado.

Examinando o livro organizado pelas ilustres filólogas soteropolitanas para uma resenha, decidi não desperdiçar esforço inútil, tentando produzir algo melhor que a “Apresentação” assinada por Alvanita Almeida Santos e pelas organizadoras do livro, nas páginas 11 a 20, com vinte e oito excelentes capítulos, produzidos por alguns dos mais importantes pesquisadores da especialidade dentro e fora do Brasil<sup>34</sup>.

Por isto, sem qualquer cerimônia e academicismo, transcrevo todo o texto, sem aspas nem recuo<sup>35</sup>:

O *I Congresso Internacional de Estudos Filológicos* tem seu início imediato nas sucessivas edições dos últimos cinco anos do Seminário de Estudos Filológicos, sendo a sequência natural e histórica das Semanas de Filologia Românica e dos Seminários de Filologia Românica. Hoje os debates abarcam pesquisadores de quatro universidades diferentes, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade do Estado da Bahia (*campi* de Salvador, Alagoinhas, Conceição do Coité e Caetitê) e Universidade Católica do Salvador, além da Faculdade São Bento da Bahia.

O Seminário de Estudos Filológicos discute temas de grande relevância no âmbito dos estudos filológicos e é o desdobramento de todo o trabalho do Grupo de Filologia Românica. A grande variedade de textos,

---

<sup>34</sup> Os resumos de todos os textos aqui “apresentados”, além dos outros que foram inscritos no Congresso, estão disponíveis virtualmente no *LIVRO DE RESUMOS*.

<sup>35</sup> Transcrição de José Pereira da Silva (UERJ/UFAC) – [pereira@filologia.org.br](mailto:pereira@filologia.org.br). Os cinco parágrafos seguintes tratam da estrutura do I CIEF. Nossas intervenções estão entre colchetes ou em notas.

de caráter documental e literário, existente nos arquivos e acervos do Brasil e de outros países, explica a realização desta reunião que pretende, sobretudo, conscientizar a comunidade acadêmica e científica da importância de recuperar esses textos, através do trabalho filológico, como forma de preservar a história e o patrimônio escrito cultural, atualizando a memória.

Tem como objetivo reunir especialistas da Filologia e das áreas afins para refletirem sobre a prática editorial e sobre as leituras filológicas, explorando temas diversificados, sendo sua finalidade incentivar a formação de futuros pesquisadores em Filologia Textual, em Crítica Textual, em outras Críticas do Texto e no estudo do Processo Criativo.

As atividades do *I Congresso Internacional de Estudos Filológicos* e *VI Seminário de Estudos Filológicos*, no período de 29 de julho a 01 de agosto de 2010, distribuem-se entre conferências, mesas-redondas, sessões de comunicações coordenadas e sessões de comunicações. Para as conferências e as mesas-redondas foram convidados pesquisadores europeus ou brasileiros, que aqui publicam os seus trabalhos.

O tema central é *Filologia, Críticas e Processos de Criação*, compreendendo 15 subtemas: 1. *Arquivos e Acervos*; 2. *Crítica Textual e Crítica Genética: Dossiês de Gênese e Interfaces*; 3. *Edição de Textos*; 4. *Estudos Medievais*; 5. *Filologia Clássica*; 6. *Filologia e Estudos do Léxico*; 7. *Filologia Textual e outras Críticas: Literária, biográfica e Autobiográfica*; 8. *Filologia: Discurso e Semântica*; 9. *Perspectivas para a Crítica Textual no Brasil*; 10. *Processos de Criação em diversas Linguagens*; 11. *Sociologia do Texto*; 12. *Texto e Memória*; 13. *Textos Setecentistas*; 14. *Transmissão do texto e mediação editorial*; 15. *Filologia e Variação*.

A coletânea que ora se publica com o título *Filologia, Críticas e Processos de Criação* traz à luz [inicialmente] os textos das conferências de Pierre-Marc de Biasi [p. 21-36], de João Dionísio [p. 37-51] e de Luiz Fagundes Duarte [p. 53-67].

Pierre-Marc de Biasi<sup>36</sup>, em *Vingt questions à la génétique*, propõe vinte questões a que vai argumentando e respondendo uma a uma: 1. *Qu'est ce que la génétique des textes?* 2. *Roland Barthes a-t-il joué un*

---

<sup>36</sup> Sempre que possível, o leitor virtual será direcionado a uma página com notícias acadêmico-curricular dos autores relacionados.

rôle dans ce nouveau regard sur le manuscrit? 3. Avec l'apparition de l'avant-texte, est-ce le retour de l'auteur? 4. Est-ce une forme de quête infinie du sens qui se développe dans l'approche de l'avant-texte? 5. Pourquoi commencent-on à avoir des archives génétiques au XVIII<sup>e</sup> siècle? 6. Quelle transformation l'informatique apporte-t-elle aujourd'hui à cette vision de la genèse? 7. Que va-t-il se passer avec les textes numériques, est-ce la fin de la génétique? 8. A quels problèmes se trouve confrontée la génétique pour les archives de notre temps? 9. Comment se pose la question de la pérennité des traces génétiques aujourd'hui et demain? 10. Au delà de cette question de sauvegarde des traces, le brouillon numérique ressemble-t-il au brouillon sur papier? 11. Peut-on dire que l'ordinateur nous conduit à oublier le corps dans le travail de l'écriture et de la pensée? 12. Cette présence de la main est-elle propre à la genèse architecturale ou plastique? 13. Le geste physique d'écrire fait-il aussi partie de l'analyse génétique? 14. Les matérialités de l'archive ne permettent-elles pas parfois aussi de dater le manuscrit? 15. La génétique sert aussi à «établir» correctement les textes. Est-ce à dire que sans la génétique tous les textes sont à revoir? 16. Pour des éditions critiques de type universitaire, comment se fait-il qu'il n'y ait pas eu un retour au manuscrit définitif de l'écrivain? 17. Par quel processus un copiste peut-il introduire involontairement des fautes dans sa copie? 18. Faudrait-il imaginer une reprise générale des textes à la lumière de leurs manuscrits, une réédition générale? 19. Comment la génétique s'est-elle développée depuis les années 1970-1980, en France et ailleurs? 20. Dans le prolongement de cette génétique du texte, on voit apparaître d'importants développements du côté par exemple des arts visuels: comment se pose la question de cette génétique des formes?

Em *A escultura da dor no Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, João Dionísio, a partir do conjunto de materiais do espólio literário de Almeida Garrett guardado na Universidade de Coimbra, explica o processo de construção do drama *Frei Luís de Sousa*, publicado em 1844. Seu trabalho escrutina a referência a uma figura mitológica constante da primeira redação conhecida do discurso de apresentação deste drama e que desaparecerá nas redações seguintes. É a partir desta referência que faz a descrição e a avaliação de alguns momentos-chave da gênese e do desenvolvimento de *Frei Luís de Sousa*, em articulação com passos do ensaio *Laokoon* de G. E. Lessing. No contexto das relações entre a arte dramática e a arte estatutuária, dá-se especial atenção à proximidade e à distância de Garrett a respeito de certas posições de Lessing.

Na terceira conferência, *Entre Penélope e Euriclea*, a de Luiz Faugundes Duarte, discute-se o binômio: a Crítica Textual vive dos textos, e a Linguística Histórica usa os textos. Desse modo, mostra que a Crítica Textual trabalha sobre os textos escritos numa língua, e a Linguística Histórica sobre a língua de alguns desses textos, lembrando que ambas as disciplinas evoluíram, definiram os seus objetos e desenvolveram as suas doutrinas à sombra da velha Filologia; ambas são disciplinas históricas; ambas são críticas. Os seus oficiais, sendo em muitos casos os mesmos, misturam por vezes as artes e as ferramentas.

Como fruto da relação fraterna, na qual nenhuma das disciplinas é dominante, tem-se uma importante produção científica representada por edições críticas que são matéria de referência tanto para os críticos textuais como para os linguistas históricos. Adverte, entretanto, que não há relações perfeitas, levando, por vezes, a rebentarem quezílias e arrufos entre Crítica Textual e Linguística Histórica. Talvez por questões de feitio, talvez por questões de partilhas: é que uma, mais mundana e pragmática, vai-se deleitando cada vez mais com os seus *couchés*, os seus *Whatman*, ou então com outros papéis mais vulgares, mais industriais; enquanto a outra continua a rever-se muito nos pergaminhos da família.

Mas a Linguística Histórica vai dando sinais de perceber que a História não acaba com a pena ou até com o aparo: vai percebendo que um lápis ou uma esferográfica, desenhando gatafunhos num papel vulgar, podem acrescentar apostilhas à margem de um cartapácio da História: podem revelar, por exemplo, como a toda a hora, todos os dias, há estruturas da língua que se modificam nos papéis de um escritor – e no curto espaço de tempo que dura cada escaramuça do eterno conflito entre o homem e a Língua que lhe é dado passar à escrita.

Seguem-se os trabalhos discutidos nas mesas-redondas. Celina Márcia de Souza Abbade, em *O léxico religioso: relações de sentido e criação lexical a partir do Livro dos Espíritos*, à luz da Lexicologia e dos recursos disponíveis para o estudo das palavras filosofia e doutrina, buscou entender, no *Livro dos Espíritos*, as relações de sentido existentes na *lexia ressurreição e reencarnação*.

O trabalho de Silvia Maria Guerra Anastácio, *Projeto de edição genético-eletrônica: da criação do audiolivro “Um lugar limpo e bem iluminado”*, apresenta o conceito de espaço, significando transitar por linguagens líquidas, que a cultura das mídias tem feito emergir. A partir de uma perspectiva em que a modalidade, a interatividade, a liberdade e

o dinamismo dos espaços se impõem, propõe discutir a utilização de tecnologias mediadoras para facilitar o arquivamento, a observação, a análise e a apresentação de manuscritos diversos. Enfatiza a semiótica intermediária, privilegiando o caráter multilinear do texto. Mostra, como dentro dessa perspectiva, a metáfora da rede tem se mostrado eficiente para dar conta de um paradigma em que a estética eleita e interdisciplinar e intersemiótica, em que os processos sígnicos se cruzam em uma espacialidade complexa, múltipla e navegável.

Maria do Socorro Aragão, em *O léxico regional popular da Paraíba*, estuda as variações regionais populares dos autores paraibanos José Américo e José Lins do Rego, baseando-se nos princípios teórico-metodológicos dos estudos dialetais, sociolinguísticos e etnolinguísticos do léxico. Como todas as variações e mudanças linguísticas são evidenciadas, imediatamente, pelo léxico, pois ele acompanha a mobilidade sociocultural da comunidade, tais relações entre língua, sociedade e cultura são muito fortes e a língua pode revelar o sentir e o pensar da sociedade e de um povo, seus valores culturais e sua visão de mundo.

Em *As especificidades semânticas e genéticas do documento de arquivo*, Heloísa Liberalli Bellotto discute as inter-relações da Arquivística com a Filologia, o Direito e a Administração, evidenciadas no processo de gênese e de redação dos documentos de arquivo. Evidencia que cada tipo documental, sendo o veículo jurídico e administrativo formal da informação/mensagem, é construído com elementos referenciais, com diagramação e teor próprios, tendo as características semânticas que correspondem à função e à razão pela qual o documento foi gerado, possibilitando a sua fidedignidade e autenticidade. Sendo a Diplomática a disciplina que se ocupa do tipo documental, da estrutura formal dos documentos, ela se concentra na gênese, na constituição interna, na transmissão e na relação dos documentos com seu criador e com seu próprio conteúdo, com a finalidade de identificar, avaliar e demonstrar a sua verdadeira natureza.

Maria da Glória Bordini, em *A função memorial dos acervos em tempos digitais*, estuda os acervos literários que têm por finalidade primordial preservar a memória dos autores e de sua obra. Atenta para o fato de que, na era digital, o alcance de documentos literários, se inseridos em *sites*, se amplia desmesuradamente, implicando questões de apropriação e uso universal, observando as vantagens e desvantagens dos acervos digitais, como desgaste, banalização, acesso livre, circulação universal e conservação em suportes obsoletos.

Como artigo *A filologia e os lugares das críticas textual, genética e sociológica: por um estudo de “Quincas Berro d’Água”*, adaptação de João Augusto, Rosa Borges reflete, a partir do texto teatral *Quincas Berro d’Água*, adaptado de uma novela de Jorge Amado por João Augusto, produzido no período da Ditadura Militar na Bahia, sobre as críticas, a Textual, a Genética e a Sociológica, em prática filológica pragmática, com o intento de discutir elementos que permitam pensar as teorias de edição aplicadas ao texto teatral.

O texto *Perspectivas para a Crítica Textual no Brasil: ultrapassando fronteiras*, de César Nardelli Cambraia, argumenta que a adoção de uma orientação teórico-pragmática na Crítica Textual pode ser efetivada com a realização de diferentes estudos que busquem chegar, sobretudo, a generalizações sobre os processos de transmissão dos textos. Procura mostrar que a exploração da interação transdisciplinar da Crítica Textual pode ser efetivada pela interação com diferentes campos de estudo que se ocupem da atividade linguística, tais como a *linguística textual*, a *análise do discurso*, a *linguística computacional*, os *estudos de tradução*, os *estudos de folclore*, os *estudos de música*, dentre outros.

José Cirillo, com o artigo *Acervos digitais e Crítica Genética: ferramentas para as memórias de uma escritura digital*, apresenta a importância de investigar os arquivos e documentos digitais do processo de criação para auxiliar o conhecimento da natureza e significado desses documentos e de seu contexto nas artes. Assim, pretende contribuir para a construção de um critério mais universal para a análise e armazenamento desse acervo que revela a memória da criação de uma obra.

Outra contribuição do autor está no estabelecimento de princípios para garantir que esses arquivos pessoais sejam investigados segundo uma metodologia própria para os documentos de artistas a partir de um método investigativo, pautado na interação de metodologias da história da arte com os procedimentos de outras ciências, resultando em um procedimento investigativo, pautado na interação de metodologias da história da arte com os procedimentos de outras ciências, resultando em um procedimento investigativo crítico e flexível o suficiente para que os aspectos da diversidade de cada artista, de cada processo, sejam respeitados e que contribuam para a constituição de uma teoria da criação.

Em *Questões biográficas na rede de escritas do intelectual múltiplo*, Evelina Hoisel chama a atenção para o estatuto biográfico de textos produzidos por intelectuais contemporâneos que exercem múltiplas ativi-

dades – ficcional, teórica, crítica, docente – e constroem redes de escritas através das quais dramatizam questões pessoais e culturais. Entendendo que, em primeira instância, a expressão intelectual múltipla define a diversidade de lugares de produção de discursos (ou de escritas), onde estes sujeitos se inscrevem e se produzem, a autora observa em que medida esta variedade de lugares de fala (do ficcionista, do teórico, do crítico, do docente) corresponde a uma multiplicidade de perfis autobiográficos, traçados nas malhas da escrita.

Comum *corpus* bastante diversificado de intelectuais que têm atuado –ou atuaram – em Instituições de Ensino Superior no Brasil, o texto evidencia como, no estabelecimento dessa rede de escritas, produzida em contextos culturais distintos, são delineadas questões teóricas que rompem fronteiras e saberes constituídos, estabelecendo uma cumplicidade entre biografia, ficção e teoria.

Em *Guimarães Rosa: sertão, memória e arquivo*, Maria Célia Leonel discute as relações entre memória, cultura e arquivo, refletindo sobre o Fundo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Toma como ponto de partida a noção de que memória é a possibilidade de dispor de conhecimentos passados que permitem ao homem construir a cultura, que, quando viva, é aberta ao futuro, mas ancorada no passado, e dependente de algum tipo de acumulação, que pode se dar por meio dos velhos ou pelo material conservado nos mais variados acervos – arquivos, museus, bibliotecas. Mostra como Guimarães Rosa, anotando, recortando, classificando e conservando uma grande quantidade de documentos, construiu uma forma de memória objetiva para uso posterior na produção literária.

Alicia Duhá Lose e Vanilda Salignac Mazzoni, com o texto *Arquivos eclesiásticos: a Filologia como porta de entrada*, exemplificam a prática do trabalho filológico como um indispensável aliado na organização, na preservação e na divulgação, principalmente no que se refere à identificação dos documentos e na edição de textos manuscritos, dos arquivos eclesiásticos, os quais são, por força de lei, considerados como de interesse público e social. Tais arquivos concentram boa parte da documentação produzida no Brasil antes da institucionalização dos registros civis. Acentua-se, assim, a importância da gestão e salvaguarda destes documentos para que possam ocupar seu papel com primazia, nas pesquisas de fontes primárias nas mais diferentes áreas do conhecimento. Tem como foco os arquivos eclesiásticos mais antigos do Brasil: o da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia (fundada em 1549) e o do

Mosteiro de São Bento da Bahia (fundado em 1582).

Em “*O Pico dos Três Irmãos*”, obra interrompida de Mário de Andrade: *pressupostos de uma edição crítica e genética*, Marcos Antonio de Moraes reflete sobre a possibilidade de edição da obra *O Pico dos Três Irmãos* de Mário de Andrade, para a qual o escritor começou a reunir matéria preparatória, traçando o plano de construção, redigindo notas de trabalho, congregando trechos de carta, transcrição de poemas e matéria extraída de periódicos. Os documentos coligidos em um dossiê, atualmente conservado no arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, são tomados para pensar algumas das diretrizes interpretativas vislumbradas pelo crítico, de forma a discutir pressupostos metodológicos da edição, em perspectiva crítica e genética, levantando questões específicas sugeridas pela documentação focalizada. O texto também evidencia a contribuição das cartas do escritor enquanto peças do dossiê, bem como na qualidade de testemunhos do processo de criação desse ensaio de crítica literária.

Marcello Moreira, no texto *Aplicação do “usus scribendi” e sua validade como procedimento de análise morfológica*, discute a pertinência da aplicação do *usus scribendi* como procedimento crítico-filológico para a seleção de variantes indiferentes fundado em juízo, método que se baseia na crença da imediaticidade do gênio, manifesto nos menores traços da obra artística ou literária, passível de cognição pelo reconhecimento dos traços formais ou estilemas dele derivados. Observando que este procedimento é derivado de uma visada romântica à crítica textual, o autor questiona a validade teórico-crítica do *usus scribendi* e faz uma crítica ao metodismo lachmanniano.

Com uma *Proposta de leitura crítica do “Gênesis”*, Luciano Amaral Oliveira debruça-se sobre as infundáveis polêmicas em torno dos textos bíblicos. Refletindo sobre diferentes questões, o pano de fundo de suas discussões está na problemática sobre se os textos bíblicos permitem mais de uma interpretação ou existe apenas uma interpretação correta de tais textos, como alegam manuais de hermenêutica. Sua leitura do *Gênesis* está baseada em procedimentos metodológicos oferecidos por Teun van Dijk para os estudos críticos do discurso, focando nas escolhas lexicais, no artifício do discurso relatado e na estrutura textual, apontando questões relevantes para a discussão da construção das ideologias sexista e heteronormativa do discurso religioso que atravessa o senso comum.

No texto *Edição de documentos manuscritos baianos: “Autos de*



defloramento”, Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz ocupa-se, dentre os manuscritos baianos, dos autos de defloração, lavrados no início do século XX, mais precisamente entre os anos 1901 a 1909 e constata que, no decorrer do processo de edição, tais autos trazem informações valiosas sobre o comportamento da justiça, mediante o que apresentam os agentes judiciários, as vítimas e os réus.

Questionando-se acerca do porquê da existência desses documentos, entendendo que os autos de defloração são documentos jurídicos que relatam histórias de jovens defloradas, com emprego de violência ou não, a autora demonstra que tais autos, além de veicularem informações acerca do crime contra mulheres virgens, representam também o pensamento da sociedade brasileira dos primeiros anos da República, a qual prezava o progresso, sendo este aliado aos aspectos políticos, econômicos e sociais.

Cecília Almeida Salles, em *Processos de criação: estudos interdisciplinares*, apresenta um breve histórico da expansão dos estudos sobre processo de criação, desenvolvidos junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, mostrando o percurso da crítica genética, da literatura para a arte em geral. Dando especial ênfase aos desdobramentos metodológicos envolvidos na ampliação dos seus objetos de estudo, destaca os aspectos relativos à fundamentação teórica das pesquisas, que viabilizaram tal expansão, propondo discutir os desafios apresentados pela arte contemporânea para os estudos sobre processo de criação.

Com o artigo *Texto oral, memória e reconhecimento*, Alvanita Almeida Santos reflete sobre os estudos acerca da memória que se desenvolveram especialmente na Antropologia, discutindo como o texto oral pode ser visto como um “documento” perpetuando, a cada performance de um intérprete, as tradições coletivas, na medida em que reproduz uma “verdade” compartilhada pelo grupo social ao qual pertence esse patrimônio.

Tomando como ponto de partida o fato de que a escrita foi apresentada como uma forma de memória, uma vez que o seu advento possibilitou o registro das lembranças, mostra como é importante observar como as sociedades ágrafas encontram uma forma de manter vivas suas tradições e como a invenção da escrita mudou as relações sociais, uma vez que elementos formais no texto oral, como o ritmo, a enumeração e a repetição, fundamentais para sua preservação, tiveram que ser substituí-

dos por outros recursos próprios à escrita.

Gilberto Nazareno Telles Sobral traz, em *Manuscritos baianos: o labor filológico e a memória cultural*, um estudo da documentação sobre a Cidade do Salvador que compõe o acervo do Arquivo Histórico Municipal, cujo precário estado de conservação tem favorecido o seu desaparecimento. Suas reflexões baseiam-se na ideia de que pensar em memória é considerar que existe um passado, o qual, muitas vezes, é desconhecido por grande parte de um povo que dele se constitui. O autor afirma, ainda, que a cultura, enquanto modos de agir de um povo, materializa-se de formas diversas e [que] os documentos manuscritos que se encontram em arquivos públicos e privados são uma importante fonte destes modos de agir.

Em *As tenções e o avesso no jogo satírico de Afonso X*, Paulo Roberto Sodré trata da presença e da ausência dos nomes históricos nas cantigas de escárnio e maldizer. Comenta as tenções afonsinas e sua adesão ou não àquela orientação, a partir da noção de *jugar de palabras* (constante na Lei XXX do Título IX da Segunda de *Las siete partidas*, código jurídico do século XIII, organizado pelo rei Afonso X) como um jogo de avessos satíricos, pelo qual o trovador é presumivelmente orientado a tratar escarninhamente do inverso das qualidades dos cortesãos durante o entretenimento da corte, o *fablar en gasaiado*.

Em *Crítica biográfica e gênese textual*, Eneida Maria de Souza discute a relação entre a crítica biográfica e a gênese textual, a partir do exame dos bastidores da criação, das experiências vividas pelos autores quanto à sua produção literária e existencial. A intenção em recriar os dois polos permite expandir o registro documental dos autores como tentativa de recuperar estágios prototextuais e protoexistenciais.

Maria da Conceição Reis Teixeira, em *Gazetas, folhetins: filologia Textual e a prática leitora na Baía de Todos os Santos*, discute o papel relevante da filologia textual no resgate de textos literários veiculados nos jornais que circularam no Estado da Bahia entre o século XIX e início do século XX, contribuindo para o preenchimento de lacuna ainda existente na historiografia literária brasileira no concernente à produção local, e para a compreensão de alguns aspectos da prática leitora e da escrita neste período.

Apresenta um trabalho filológico desenvolvido com jornais baianos, destacando que o resgate e a recuperação do texto veiculado nas “gazetas” contribuirão para a compreensão do momento histórico em que

os textos foram lavrados e para desvendar alguns aspectos da história da leitura na “Baía de Todos os Santos”, estreitamento, portanto, em momento histórico distinto daquele referente à sua produção, novas relações entre leitor e texto.

*Resquícios medievais no “Livro Velho do Tombo”* é o título do trabalho de Célia Marques Telles, que estuda alguns documentos com registros de *autos de posse*, no *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento, o qual traz o traslado de 91 documentos datados inicialmente entre o século XVI e o XVIII, copiados, a pedido do Dom Abade entre 1705 e 1716. Atenta-se para o fato de que o Direito na Idade Média caracteriza-se por ser uma relação privada (particular) e, como tal, baseia-se nos costumes próprios de cada região e o Direito no Brasil Colônia é marcado por um objetivo definido de instalação de uma justiça com os contornos portugueses, adaptado às novas situações. O rito de posse inclui gestos, ações e fala em alta voz: sinais indicam ao olhar e exprimem em primeiro lugar um direito de posse. Assim, observa-se como os diferentes rituais de posse são realizados para a garantia do patrimônio imóvel do Mosteiro.

Com *O tema da “boelasía” na épica grega arcaica*, Leonardo Medeiros Vieira aborda, de forma introdutória, o tema tradicional de *boelasía* (roubo de gado), que figura nos textos supérstites do *épos* grego arcaico, incluindo as duas epopeias atribuídas a Homero, os dois poemas inteiramente conservados e os numerosos fragmentos associados a Hesíodo, os chamados Hinos Homéricos e os demais fragmentos do Ciclo Épico. Aponta para algumas de suas ocorrências, abordando o nexos essencial entre a *boelasía* e a circulação de dádivas no âmbito de uma certa “economia da honra” típica da aristocracia homérica. Observa ainda que há poucos estudos que explicam esse tema como um derivado de estruturas míticas herdadas do protoindo-europeu.

Yara Frateschi Vieira, com o trabalho *Os “Lais de Bretanha” e a questão da tradução na Idade Média*, afirma que os “Lais de Bretanha” são os únicos textos do *corpus* lírico galego-português explicitamente designados como “tradução”. Compara as versões peninsulares de B1, B3 e B4 com as suas fontes francesas (lais do *Roman de Tristan*) as quais, segundo a autora, demonstram que a tradução, de acordo com os modernos critérios de fidelidade, foi feita muito livremente.

Observado que, se integrada no contexto dos pressupostos e das práticas hermenêuticas e retóricas que fundamentam o manuscrito ou

transmissão do texto medieval (glosas, comentários, traduções), mostra que essa versão obedece a outros critérios de fidelidade, guiados pelo propósito de oferecer um texto o mais fiel possível ao “sentido” e mais acessível a um receptor distinto daquele a que se destinava o original.

Em *Os processos de criação na literatura*, Philippe Willemart apresenta uma pesquisa nos manuscritos de *O caminho de Swann* de Marcel Proust que ilustra o objetivo comum à Filologia e à Crítica Genética: a interpretação do texto editado.

Por fim, vale ressaltar que, nos textos, se manteve a formatação original a, conforme determinado pelos autores. Por outro lado, na medida do possível, buscou-se adaptar o sistema de referências e citação à norma brasileira.

Alvanita Almeida Santos  
Célia Marques Telles  
Rosa Borges

**"DICIONÁRIO DE TUPI ANTIGO":  
NOTAS À "DEFESA" DE EDUARDO NAVARRO**

*Eduardo Tuffani (UFF)*  
[etuffani@yahoo.com.br](mailto:etuffani@yahoo.com.br)

***1. Escritas no calor da hora, estas notas foram ligeiramente corrigidas***

Senhores,

Lamento por tudo isso.

Veja a íntegra desse artigo, no blog do Autor

<<http://e-tuffani.webnode.com/sobre-nos/>>.